

Os juros podem cair

ainda é

por Tom Camargo
de Londres

(Continuação da 1ª página)

no fim de semana", declarou à Agência Reuters.

Em Londres, o ministro do Tesouro, Nigel Lawson, desviou-se do assunto, dizendo ao Parlamento que o Grupo mantém em vista a necessidade de manter uma inflação baixa nos países industrializados, o que equivale a um "niet" para empreitadas conjuntas contra juros altos. Um porta-voz do Tesouro disse a um grupo de jornalistas estrangeiros que "temos uma agenda, mas não pretendemos divulgá-la. A ordem é manter um perfil baixo".

O governo Thatcher, preocupado com a pressão que os baixos preços do petróleo fazem sobre o valor da libra esterlina, há cerca de uma semana elevou a taxa de juro básico em um ponto percentual, colocando-a nos 12,5%, a mais alta, em termos reais, de todo o Grupo dos 5.

No sábado, às 19 horas, numa reunião preparatória a ser realizada no número 11 de Downing Street (residência do ministro do Tesouro, geminada com a casa da primeira-ministra), mesmo que não seja uma proposta japonesa, o centro das atenções serão os japoneses, que estarão sob os refletores.

Depois que o dólar caiu bastante, mas de forma controlada, que as pressões protecionistas no Congresso norte-americano foram controladas e que Washington demonstrou não estar inerte diante de seus déficits orçamentários e do balanço de pagamentos, observadores europeus culpam Tóquio pela falta de um gesto decisivo no sentido de uma 'legítima reflexão'.

Diz David Lomax, conselheiro econômico do National Westminster Bank, segundo maior banco comercial inglês: "Eles não en-

tregaram o iene mais fraco que prometeram. Deram algum espaço na conta corrente do balanço de pagamentos pelo lado dos serviços, mas não aceitam tocar no superávit comercial (que já se aproxima dos US\$ 60 bilhões anuais). Quando o iene chegou aos 200 por dólar, a indústria reclamou e o governo reclamou. Não vejo como eles podem propor juros mais baixos se não relaxarem suas políticas fiscal e monetária, ao mesmo tempo que deixam o iene encontrar seu verdadeiro lugar no mercado de moedas".

Mas o ceticismo vale não apenas para os japoneses. A França e a Grã-Bretanha, por exemplo, estariam em condições de baixar seus juros domésticos? A primeira acaba de colocar seus preços sob relativo controle, depois de uma convivência de mais de dois anos com os dois dígitos, enquanto a segunda vê aproximar-se o momento em que um barril de petróleo do mar do Norte não estará valendo mais de US\$ 20, o que pode significar uma libra esterlina destronada de sua posição de moeda de referência.

"Juros mais baixos, nesse momento", diz Lomax, "representam a única compensação que os países industrializados podem dar ao Terceiro Mundo, cujas relações de troca estão aviltadas pelos baixos preços das 'commodities'."

Por esta ótica, a idéia de que James Baker III contemple mais um gesto de efeito em relação à crise da dívida torna-se verossímil. O Grupo dos 5, de qualquer forma, volta a reunir-se, como lembrou ontem o respeitado comentarista Samuel Brittan, do Financial Times, num momento em que não está mais na moda gritar "olha o lobo", isto é, falar de uma crise que não existe.

Os juros podem cair

GAZETA MERCANTIL

por Tom Camargo
de Londres

A possibilidade de que o chamado Grupo dos 5 se dedique, neste fim de semana, a coordenar uma investida destinada a baixar as taxas de juros internacionais resultou ontem numa intensa movimentação nos principais mercados de metais, sobre os quais administradores de portfólios de peso desabaram em fúria compradora, de forma a manter uma linha média de lucratividade semelhante àquela proporcionada pelos atuais investimentos no setor financeiro.

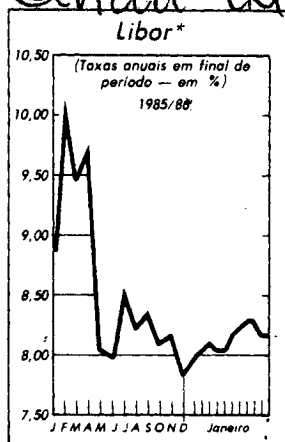
Em Londres, a onça-troy de ouro, que na quarta-feira entrara em alta à primeira menção da possível agenda do encontro, fechou

ontem a US\$ 361,50/362,00, US\$ 10 acima da taxa de abertura, que por sua vez já acrescentara US\$ 6 ao final do pregão anterior. No meio da sessão matutina a onça foi a US\$ 376, um recorde de dezoito meses. Nos negócios com platina e paládio, que normalmente são comboiados pelos de ouro, atingiram-se também altas significativas, em certos momentos superando-se as marcas de alta de vinte e de seis meses atrás, respectivamente.

Em Nova York, também animado por investidores estrangeiros, o ouro saiu do marasmo no qual esteve submerso por todo o longo período em que o dólar concentrou as atenções do mercado. Entre os principais compradores estariam as carteiras de casas árabes e japonesas. No primeiro caso, levantou-se a hipótese de que a fuga aos negócios denominados em dólares teria relação com a recente barragem de ameaças feitas por Washington a um Estado árabe, no caso a Líbia. Apesar de todo o movimento, os mercados de moedas não assinalaram especial assédio contra a divisa norte-americana.

O Grupo dos 5, formado pelos ministros das Finanças dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Grã-Bretanha, teve sua última — e bem-sucedida — reunião no Hotel Plaza, em Nova York, em 22 de setembro do ano passado. Ali decidiram pela intervenção dos bancos centrais no sentido de diminuir o valor do dólar. Aceleraram, assim, sua desvalorização em relação ao marco ale-

Dinica 1st



Fonte: BIC e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Cotação do dia 16/01/86

mão e ao iene japonês, que hoje estão, em média, 20% mais fortes do que entre outubro de 1984 e março de 1985.

Neste sábado, em Londres, iniciam discussões que, pretendem, serão mais discretas e que sequer, segundo o protocolo adiantado pelo Tesouro britânico, merecerão um comunicado oficial conjunto.

Se o tema que escolheram, contudo, é mesmo a

17 JAN 1986

queda coordenada dos juros internacionais, será difícil evitar a publicidade. Ontem, depois que fontes norte-americanas negaram que o secretário do Tesouro, James Baker, esteja contemplando a idéia, como foi divulgado por um seu interlocutor, o ministro da Economia da Alemanha, vezes diferentes contribuíram para que a confusão persistisse.

Em Paris, o ministro das Finanças, Pierre Berégovoy, disse que o Grupo dos 5 discutirá uma proposta japonesa para ação conjunta visando diminuir o custo internacional do dinheiro. "E este o motivo de nossa reunião em Londres,

(Continua na página 14)

No mercado interno, o grama de ouro negociado no mercado físico valorizou-se 5,2%, o que corresponde a cerca de Cr\$ 9 mil. O preço de venda subiu a Cr\$ 180 mil. Ainda assim, o metal não atingiu a paridade internacional. Apenas nesta semana, o grama avançou 8,43%.

(Ver página 14)